

# **A importância do estímulo à leitura: O prazer de ler e contribuição do professor e do cotidiano escolar.**

**SANTOS, Stephanie de Oliveira\***

**Orientadora: SILVA, Marineia Moreira**

## **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo mostrar a importância do estímulo, e da construção do hábito da leitura junto a família. Para execução deste trabalho foram efetuadas pesquisas bibliográficas envolvendo o tema, a fim de obter opinião concreta dos progresso da leitura e de como é construído o hábito do mesmo. Levantam-se questões referentes à qualidade do ensino e seus alcances, juntamente com uma análise dos discursos dos profissionais envolvidos com a leitura. A pesquisa mostra, o hábito da leitura, incentivando na formação de leitores e contribuindo para fugir do clichê, do costume, da obrigação, e assim mostrando que a leitura pode ir além, se tornando algo divertindo, e trazendo inúmeros benefícios com esta prática.

**Palavras-chave:** Estímulos, leitura, livros, educador, educando, dia-a-dia, hábito.

## **Abstract**

This work aims to show the importance of encouragement and building the habit of reading with the family. To carry out this work, bibliographical research was carried out involving the topic, in order to obtain a concrete opinion on reading progress and how the habit of reading is built. Questions are raised regarding the quality of teaching and its scope, together with an analysis of the speeches of professionals involved with reading. The research shows the habit of reading, encouraging the formation of readers and helping to escape the cliché, the custom, the obligation, and thus showing that reading can go further, becoming something fun, and bringing countless benefits with this practice.

**Keywords:** Stimuli, reading, books, educator, student, daily life, habit.

## **Introdução**

O professor deve reforçar nas escolas o hábito da leitura, trazendo consigo inovações e despertando em alunos, funcionários e comunidades o gosto da leitura, transformando em especialistas na arte de iniciar seus alunos nos prazeres da leitura, levando-os a procurar cada vez mais, o livro como “companheiro de lazer e indiretamente como objetivo de formação”.

O professor regente tem a responsabilidade de realizar reuniões com núcleos de leitura na unidade escolar, contribuir no incentivo à leitura junto aos alunos, professores e funcionários, controlar o acervo de livros emprestados (retirada, circulando e devolução) participar da produção de núcleo de leitura junto à diretoria de ensino, trabalhos realizados com os mesmos e pesquisas novas alternativas que possam propiciar o gosto pela leitura.

A função deste professor é multiplicar e procurar desenvolver junto aos professores um trabalho dinâmico e reflexivo diante da leitura na escola.

O professor regente deve estar inteirado com a sua proposta de formação do professor-leitor, gostar de ler, se interessar pelo trabalho desenvolvido na escola e ter um bom relacionamento aos professores e direção a fim de trabalhar de forma integrada com a equipe. E de extrema importância para o desenvolvimento da leitura por puro prazer, dando ênfase inicial à literatura.

A literatura segundo Villardi: “Inicialmente, a literatura - uma vez que não tem comprometido com a realidade, mas com o real que ela mesma cria - é ficção e, por natureza, da ordem da fantasia”. Sendo assim estimula a curiosidade, provoca o interesse pela descoberta, favorece que esta criança viva situações novas, expandindo seu campo de vivência, transformando em uma pessoa mais capaz de encarar novos acontecimentos. Isto é, o leitor deixa de viver só na realidade, e começa a navegar em aventuras imaginárias onde adquire experiências únicas, que faz com que este cidadão se transforme em um ser mais crítico e criativo, além de prepara-lo para enfrentar acontecimentos indesejáveis. (VILLARDI, 1997,p.2)

A ação pedagógica na escola tem o objetivo de estimular a leitura entre crianças, jovens e adultos, afinando o seu olhar para a riqueza e a diversidade das diferentes linguagens presentes no mundo. Deste modo além do amplo acervo bibliográfico, os estabelecimentos de ensino igualmente devem fornecer atividades culturais paralelas, por exemplo: projeção de filmes, oficinas de teatro entre outros.

Há uma necessidade, eminente entre todos os educadores acerca da necessidade de definir o ato de ler, a fim de associa-lo a sua real significação e

retira-lo da conveniência à mecanicidade, que mais comodismo do que convenção tomou conta desta “aparente” prática pedagógica.

A construção do hábito de ler deve consistir numa tarefa incessante no âmbito escolar para que este um dia ultrapassa a simples “leitura didático pedagógica”, ou seja, àquela que acontece simplesmente por obrigação, porque será tema de trabalhos e/ou avaliação de modo geral.

Existe um consenso entre muitos especialistas e entre a maioria de educadores de que o hábito de ler não está sendo devidamente construído e estimulado nas escolas públicas, pois, caso contrário, obteríamos respostas imediatas para perguntas similares a estas: “Onde estão nossos educadores - leitores e escritores? De que tipo de satisfação e descoberto por este aluno ao ler um livro?”

### **Saber ler: uma definição necessária**

Rotineiramente ouve-se o clichê: “ler não é um ato mecânico”. Porém, contraditoriamente, ler ainda continua sendo predominante um ato maçante, o qual os alunos repudiam sempre que possível. Esta contradição perpassa, certamente, pela falta de entendimento da concepção do ato de ler. Ou seja, quem sabe ler? Basta decifrar códigos? Ou é preciso “saboreá-los” e dar significações às palavras, atribuindo-lhes vida e importância?

Objetivando encontrar respostas para tais questões, em Villardi (1997) fornece uma importante contribuição, no sentido de conduzir à necessária compreensão de que saber ler não é apenas alfabetizar-se; mesmo porque a aprendizagem e o aperfeiçoamento da leitura e da escrita são permanentes.

Ocorre que, ao contrário do que se pensa e até mesmo, na contra-mão da logicidade, quanto mais tempo a criança permanece na escola, ou seja, a medida que o nível de escolaridade avança, menos ela se aproxima do ato de saber ler, que neste caso equivale a saber aprender a interpretar. (Villardi, 1997).

Por outro lado, esta falta de entendimento e discernimento sobre “saber ler” é extremamente prejudicial ao desenvolvimento do educando, que perde

oportunidades valiosas de enriquecer seus conhecimentos através do contato com a leitura: “ visto que o progresso da linguagem se dá como constituinte fundamental, ao desenvolvimento intelectual da criança, o ato de ler consiste num elemento que intervém de forma crucial na linha do pensamento, desse modo, fazendo assim uma condição que irá determinar o desempenho do educando no decorrer de sua vida escolar.

No entanto há que se qualquer tipo de texto produz, igualmente e na mesma proporção, os efeitos aqui delineados, ou seja, se qualquer texto é capaz de se transformar num elemento que enriqueça as estruturas de linguagem e pensamento, promovendo o crescimento intelectual do indivíduo”.(Villard, 1997, p.80).

Segundo a citação acima sobre o fato que ler implica, inclusive, na qualidade dos textos apresentados à criança, podemos entender, a partir do ponto de vista da autora, que saber ler equivale a saber interpretar e formar opiniões acerca do que leu. Ou seja, o objeto lido é transformado em conhecimento pelo leitor. De outra forma, não há leitura e muito menos desenvolvimento intelectual, haverá, sim um ato mecânico incapaz de acrescentar conhecimento novo ou esclarecer aspectos inerentes aos conhecimentos dos quais o leitor já dispõe: conhecimentos prévios.

Freire(2000) refere-se ao ato de saber ler enquanto sinônimo de capacidade de ler o mundo, ou seja, a leitura da produção escrita está associada à capacidade de associa-la à realidade, podendo, então, melhor compreendê-la e transformá-la.

De acordo coma linha de pensamento de Freire (2000), a leitura do mundo precede a da palavra - ou seja, é necessário considerar e respeitar toda forma de conhecimento prévio do leitor (ou do futuro leitor, no caso da alfabetização). Por isso, a certeza de que a leitura da palavra deve prescindir da continuidade da leitura do mundo. Segundo o autor:

“Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto(...)” (Freire, 2000, p.11)

Freire (2000) chama a atenção para a necessária relação que deve ser construída e mantida - entre saber ler e a criatividade, pois estes princípios coexistem, complementam-se.

A leitura da palavra, dos códigos, dos textos deve fluir de forma natural e não imposta ou mecanicamente, neste sentido, tudo o que pode ser lido, pode e deve ser relacionado com o mundo real, com o cotidiano do educando. O ato de saber ler a palavra implica em saber - antes - e, principalmente, por parte do professor, saber ler a realidade do educando; ou seja, em quais circunstâncias concretas esta acontecendo a aprendizagem da leitura e da escrita. Para Freire(2000, p.15):

“(...) a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos o meu giz”.

Deseja-se frisar com esta citação que a contextualização da leitura é importante. Que não basta saber ler as palavras, mas que é preciso saber ler antes, as palavras do próprio mundo. Daí a importância do professor conhecer a realidade do educando.

Além disso, é importante ressaltar que saber ler é justamente o contrário do simples e mecânico ato de decifrar de memorizar códigos. Aliás, Freire (2000) afirma que a memorização mecânica do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Este autor afirma que:

“(...) a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memoriza-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala”.(Freire, 2000. p.17)

Para Perrotti(1990), são usadas várias expressões para estimular a leitura, por falta de introdução verdadeira à leitura artificialmente, sendo a propaganda um recurso necessário. Esta afirmação é reforçada pelo autor quando o mesmo conclui:

“Não admira, pois, a existência de referências constantes a noções como “estímulo”; estímulo a leitura, aos “hábitos de leitura”, ao “prazer de ler”, ao “gosto pela leitura”, estímulos, enfim, de toda sorte e qualidade. É que, na falta de inserção verdadeira na vida de crianças e jovens, a leitura deve ser estimulada, isto é, artificialmente induzida. Como os grupos infantis não se reconhecem no e através do ato de ler, sua propaganda toma-se inevitável.”(Perrotti,1990,p.21)

A formação de leitores não ocorre por acaso, qualquer tipo de leitura, não deixa de ser concreta e atuante, mesmo deparando com os códigos, na realidade, a leitura não é um ato natural, mas cultural e histórico:

“... O gesto aparentemente banal e corriqueiro de abrir as páginas de uma publicação qualquer está medido por complexa trama de relações que, se escapa ao leitor no momento em que se depara com os códigos, nem por isso deixa de ser concreta e atuante. Na realidade, a leitura não é um ato natural, mas cultural e historicamente demarcado”.(Perrotti, 1990, p. 63)

É importante que a leitura esteja vinculada com a cultura, para que posso transmitir ao leitor informações enriquecedoras, tornando indispensáveis aos educadores, no qual posso conduzir as crianças e jovens ao conhecimento, a cultura, a leitura e o mundo.

Este autor continua reforçando o que o que foi dito acima:

“(...) se não é possível pensar em alterações gerais e globais fáceis e imediatas, a luta diária e concreta por pressupostos que divergem dos que sustentam a ordem dominante vai permitindo o surgimento de espaços institucionais com novas características, capazes não só de estimular, respeitar, reconhecer a expressão cultural da infância, como de instigar, provocar, alimentar de várias formas as relações de crianças e jovens com o conhecimento, a cultura, a leitura o mundo. Mesmo se localizados, restritos, marginais, essas iniciativas mostram a capacidade que tem a infância de se envolver, se interessar, se maravilhar com os conteúdos guardados nos textos”.(Perrotti, 1990, p.102)

Enfim, saber ler é o mesmo que ir além da decodificação; extrapolar a leitura de palavras e de textos, interpretando-os e principalmente, relacionar o texto lido e a compreensão deste, a uma leitura crítica de mundo.

## **O prazer de ler e as contribuições do professor e do cotidiano escolar**

Sem dúvida, o cotidiano escolar interfere no gosto e no prazer que a criança possa desenvolver ou não pela leitura. Em caso positivo, certamente, a escola e os professores estarão cumprindo uma importante missão.

Segundo Zilberman (1998), deve haver uma atenção especial do professor quanto à escolha dos textos e os livros a serem lidos pelos alunos sobre este procedimento, a autora afirma que o professor deve estar apto:

- A escolha de obras apropriadas ao leitor infantil;
- Ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem à leitura, suscitando a compreensão das obras e a verbalização, pelos alunos, do sentido aprendido.

Sendo que para tanto, as disciplinas universitárias - reforça Zilberman (1998) - precisam oferecer ao futuro professor, no mínimo, os seguintes instrumentos inerentes aos campos literários e pedagógico:

- O conhecimento de um acervo literário representativo;
- O domínio de critérios de julgamento estético, que permitam a relação de obras de valor;
- O conhecimento do conjunto literário destinado às crianças, considerando-se sua trajetória histórica (origem e evolução), assim como autores atuais, nacionais e estrangeiros, mas representativos;
- A manipulação de técnicas e métodos de ensino que socorram e auxiliem o mestre no processo de incremento e estímulo à leitura. Isto significa, por parte do professor, o reconhecimento de que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade. Pelas mesma razão, segundo a autora, invalidam-se a concepção e o emprego do livro como instrumento de

transmissão de normas, sejam linguísticas ou comportamentais, ressaltando-se, em lugar disso, o seu caráter e destino inquiridor e cognitivo.

Ao analisar os instrumentos necessários ao educador e à escola, no que refere às contribuições para o estabelecimento de leituras prazerosas, percebe-se o quanto é necessário ressaltar, o ato de ler como uma prática que incentiva a pesquisa e a reflexão.

Não devem predominar na escola e na sala de aula as práticas de leitura que se levem apenas a vinculação de normas ortográficas e gramaticais, pois, quando isso ocorre, o prazer cede lugar à obrigação.

Os educadores, com o intuito de contribuir para o prazer da leitura devem estar atentos às atitudes necessárias para que a criança sinta desejo de ler. Neste sentido, o educador deve procurar oferecer diversas possibilidades de escolhas aos alunos, nos quais eles possam visualizar e tocar nos livros. Sendo importante também ouvir e considerar a opinião dos alunos quanto à escolha acerca de que o livro será lido.

Esta autora afirma que:

“(...)provindo de uma tomada de decisão da qual a criança não participa, mas cujos efeitos percebe, a literatura infantil pode ser considerada uma espécie de traição, uma vez que lida com as emoções e o prazer dos leitores, para dirigi-los a uma realidade que, por melhor e mais adequada que seja, eles em princípio não escolheram”.( Zilberman,1998, p. 39-40)

De acordo com Villardi (1997), para que tenhamos um cidadão capaz de fazer da leitura uma atividade cotidiana, é preciso que esta leitura na escola não seja cobrada como um dever, mas como uma leitura gostosa, prazerosa, onde é possível fazer uma reflexão do mundo ou não, buscando na literatura o que não se pode ter na realidade da vida.

Para que isto tudo aconteça, o hábito só não é suficiente. É preciso desenvolver o gosto pela leitura, para formar um leitor para vida toda.



Nessa tarefa inicial, é necessário ver a leitura numa amplitude maior, que o educador trabalhe com um material que seja capaz de levar o educando a desenvolver sua criatividade, enquanto modela, em cada texto, a sua leitura individual, preferencialmente que use como material, o texto literário.

“(…)para que tenhamos um cidadão capaz de encorpar a leitura às atividades de seu cotidiano. E isto só ocorre se a leitura for vista não como cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível refletir o mundo, quando afastar-se dele, buscando na literatura aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade, quer sob a fantasia. Para que isso ocorra, o hábito, por si só, não chega. Tem que expandir a vontade, o interesse pelo ato de ler, com o objetivo de transformar um leitor para vida inteira. Esta preocupação deve ser cuidada de forma ampla, que os instrumentos usados pelo professor seja eficiente no objetivo de ajudar o educando a encontrar seu potencial criativo e libertador, achando assim sua devida leitura, em cada texto. (Villardí, 1997, p 10-11)

Para Perrotti (1990) a escola estando ligada ao livro e a leitura, cabe a mesma da oportunidade aos educandos o contato com a leitura, para que se torne um hábito cotidiano para o desenvolvimento intelectual dos educandos.

É necessário também que a escola desenvolva um trabalho bem elaborado com a leitura, para que possa conquistar seus alunos, formando cada vez mais leitores.

O autor reafirma o que foi dito acima:

“(…) e isto não porque o interesse pela leitura decorra naturalmente de um processo escolar bem conduzido em seu todo, mas porque a escola é um espaço onde se deve, de forma planejada, independente das condições gerais de ensino, atrair, ganhar, conquistar, leitores. Em outras palavras, a escola deve absorver papéis que tradicionalmente não eram de sua alçada, mas que hoje devem ser. Não se trata mais, apenas de “ensinar a ler”, mas de “enriquecer o aluno”, ampliando seu universo educacional através do cultivo dos hábitos de leitura”. (Perrotti, 1990, p.6-67).

Assim pode-se concluir que, tanto o professor como o cotidiano escolar, podem contribuir para o desenvolvimento e para a manutenção do prazer de ler à medida, em que, professores e alunos, consigam dialogar sobre a importância da leitura, sobre a existência de diferentes tipos de textos literários e de diferentes e surpreendentes possibilidades de leituras. O que não pode ocorrer, em termos de cotidiano escolar, é esperar que, por si só, os alunos despertem o prazer pela leitura.

### **A construção do hábito de ler.**

Zilberman (1998) afirma que o hábito de ler pode ser desenvolvido e construído na escola desde que sejam preservadas as relações entre a literatura e a escola, os quais decorrem da natureza normativa de ambas.

Esta afirmação é reforçada pela autora quando a mesma conclui:

“(...) tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltados à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se tratem de produções oriundas de necessidade sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atenção sobre o receptor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos”.(Zilberman, 1998, p.21 - 22)

Fica evidente que a construção do hábito de ler é possível desde que haja empenho por parte dos trabalhadores em educação, a fim de associar os benefícios implícitos na leitura e os recursos oferecidos pela escola.

No que se refere, especialmente ao professor, Zilberman (1998) , deixa claro que este não deve usar o livro em sala de aula no sentido redutor, transformando-o num número limitado de páginas e de observação tidas como corretas. Além disso, o professor deve explorar as múltiplas visões que a literatura infantil oferece e, por conseguinte, diferentes interpretações enriquecendo a visão de mundo e da realidade que cerca a criança.

Incentiva o hábito de ler não significa, de modo algum, impor leituras obrigatórias e sem que haja vínculos com o contexto sociocultural do aluno-leitor.

A metodologia empregada na sala de aula em muito interfere na construção do hábito de ler. Deve tratar-se preferencialmente, uma metodologia que impulse o educando à prática da leitura, ao hábito de - ele próprio - selecionar textos e livros que lhe despertem o interesse. O professor precisa, neste sentido, enfatizar frente a criança a importância da leitura como meio de acessar e de compreender a si mesmo e ao meio social.

A autora continua afirmando que:

“...Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investiga-lo, e de, ao mesmo tempo, pôr em tela de juízo o comportamento que promove obras e as considera boas, porque transmitem valores socialmente úteis, que só interessam ao adulto”.(Zilberman, 1998, p.30)

Segundo Freire (2000), não diante ler sem-número de capítulos de livros, em um semestre e não entender nada, o importante é ler aos poucos, todos os dias, fazendo uma compreensão do texto lido, não dispensando a leitura de bons livros, principalmente os clássicos, ocorrendo uma leitura de qualidade, para construção de novos textos:

A construção do hábito de ler segundo Freire:

“Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. A insistência na qualidade de leituras sem devido adestramento nos textos a serem compreendidos e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encamada deste outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em que escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com quantidade de páginas escritas”.(Freire, 2000, p.17 - 18)

Assim sendo, a formação do hábito de ler está condicionada a capacidade e à sensibilidade do educador, no sentido de buscar alternativas capazes de agradar ao educando, ou seja, o aluno não se habituará a ler obras e textos que lhe

desagradem. Cabe ao professor a tarefa principal de intervir e de favorecer a seleção do material a ser lido, atendendo para a estética, para o conteúdo, para a criatividade, principalmente para o interesse e a despertar no aluno para a relação deste material com o seu cotidiano.

## **Considerações Finais**

A leitura na escola sempre foi realizada como um ato mecânico durante todo o ano letivo. A partir do momento que as crianças saem da escola é difícil vê-las interessadas por qualquer tipo de leitura, então é preciso que a leitura seja estimulada para que o hábito de ler se transforme em gosto pela leitura, sendo vista não como uma obrigação, mas como uma ação prazerosa.

Para que a escola desempenhe bem seu papel quanto à questão da leitura é necessário que todos estejam envolvidos com a mesma, dependendo do trabalho feito ao mesmo tempo fora da escola. Sendo preciso que desperte na criança, desde cedo o gosto pela leitura, dando oportunidade de ouvir histórias, tendo exemplos em casa levando a gostar de ler e que a leitura não esteja associada à situações desagradáveis, mas a coisas boas.

Não bastando oferecer aos alunos livros didáticos, é necessário oferecer-lhes incentivo e meios de lerem os principais autores nacionais e estrangeiros, da literatura de ficção e não ficção, revistas, jornais, obras científicas e outros tipos de leitura. Assim poderíamos auxiliar na construção de uma sociedade capaz de conduzir a vida para um destino melhor.

É por meio da leitura que tomamos conhecimento da vida com suas mil faces, vivemos juntos com as personagens, entramos em contato com outros lugares, homens e povos, nos informamos sobre tudo, experiência que nem sempre podemos viver de verdade.

## **Referências**

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 39° ed, São Paulo: Cortez, 2000.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, Infância e Leitura.** São Paulo; Summus, 1990.

VILLARDI, Raquel. Gostar de ler: um diagnóstico. **IM: Ensinando a gostar de ler e formando leitores.** Rio de Janeiro: Tunka, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 10°ed, São Paulo: global, 1998.